

Modernidade e práticas musicais de entretenimento em Montes Claros-MG na primeira metade do século XX

Modernity and musical entertainment practices in Montes Claros-MG in the first half of the 20th century

Raiana Maciel do Carmo

Universidade Estadual de Montes Claros
raianamaciel@yahoo.com.br

Ana Caroline Pereira Mota

Universidade Estadual de Montes Claros
carolss.pm@gmail.com

Geraldo de Alencar Durães Filho

Universidade Estadual de Montes Claros
geraldoad@gmail.com

Como citar este texto:

CARMO, Raiana Maciel do; MOTA, Ana Caroline Pereira; DURÃES FILHO, Geraldo de Alencar. Modernidade e práticas musicais de entretenimento em Montes Claros-MG na primeira metade do século XX. *Diálogos Sonoros*, v. 1, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/dialogossonoros/article/view/31061>.

Submetido em: 14/12/2022.

Aceito em: 28/12/2022.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a influência da modernidade nas práticas musicais de entretenimento que compuseram o cenário musical de Montes Claros-MG na primeira metade do século XX. Neste período, alguns marcos impulsionaram o status de cidade moderna, tais como a inauguração de escolas, de cinemas, de agências bancárias e de jornais; assim como a chegada dos primeiros automóveis, da energia elétrica, do telefone e telégrafo, de jornais e revistas, da Estação Ferroviária Central do Brasil e da Rádio ZYD7. Os procedimentos metodológicos contemplaram uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e exploratório, além de pesquisa bibliográfica em teses, dissertações, artigos científicos, trabalhos de anais de eventos e textos de memorialistas, e pesquisa documental em jornais e fotografias. Dentre os resultados obtidos, podemos destacar que durante o período delimitado para a pesquisa a produção e circulação de práticas musicais com função de entretenimento refletem a busca pela modernidade e pelos ideais do progresso. Tais práticas estão circunscritas em espaços e contextos como circos, teatros, cinemas, rádio, cassinos e clubes. Enfim, a paisagem musical encontrada revelou um cenário diversificado e complexo, evidenciando que, sem a pretensão de se esgotar o tema, apresenta perspectivas para trabalhos futuros.

Palavras-chave: Cenário musical em Montes Claros. Primeira metade do século XX. Modernidade.

ABSTRACT

This work aims to discuss the influence of modernity in the musical entertainment practices that composed the musical scene of Montes Claros-MG in the first half of the 20th century. During this period, some milestones boosted the status of a modern city, such as the opening of schools, cinemas and bank branches; as well as the arrival of the first automobiles, electricity, telephone and telegraph, newspapers and magazines, the Central Railway Station of Brazil and Radio ZYD7. The methodological procedures included a qualitative approach of descriptive and exploratory nature, in addition to bibliographical research in theses, dissertations, scientific articles, publications on annals of scientific events and texts by memoirists, documentary research in newspapers and photographs, as well as conducting interviews using Oral History. Among the results obtained, we can highlight that during the period delimited for the research, the production and circulation of musical practices with entertainment function reflect the search for modernity and the ideals of progress. Such practices are circumscribed in spaces and contexts such as circuses, theaters, cinemas, radio, casinos and clubs. Finally, the musical landscape found revealed a diverse and complex

cenário, showing that, without intending to exhaust the theme, it presents perspectives for future work.

Keywords: Music scene in Montes Claros. First half of the 20th century. Modernity.

1 INTRODUÇÃO

O município de Montes Claros é considerado um polo da região norte do estado de Minas Gerais, apresentando-se como um lugar de interações entre grupos sociais, indivíduos, bens e serviços (PEREIRA, 2007). Neste município é possível identificar uma variedade de manifestações ligadas à música que se configuram de forma diversificada, em diversos espaços e contextos. A presença dessas manifestações pode ser constatada desde pelo menos a segunda metade do século XIX (CARVALHO, 1991). E, nas primeiras décadas do século XX, as práticas, os gêneros e os estilos musicais são atrelados aos ideais de modernidade, ocupando espaços em cinemas, circos, teatros, clubes, dentre outros.

Um dos marcos deste processo de modernização é a produção e a circulação de práticas musicais que estão relacionadas aos divertimentos locais. Neste trabalho, optamos por definir que tais práticas possuem a função de entretenimento¹. Conforme Merriam (1964, p. 223) em todas as sociedades existe a música como função de entretenimento, mas é necessário fazer uma distinção entre o entretenimento “puro” (apenas cantar ou tocar, por exemplo), uma característica enfatizada na cultura ocidental, e o entretenimento atrelado a outras funções, tais como a função religiosa e a função de comunicação, por exemplo. Ademais, entendemos que a função de entretenimento atribuída às práticas musicais descritas neste texto remetem à ideia de divertimento, tendo o caráter “puro” ou estando relacionada a outras funções.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é discutir a influência da modernidade nas práticas musicais de entretenimento que compuseram o cenário musical de Montes

¹ Em seu livro *The Anthropology of Music*, Merriam (1964, p. 210) avalia que compreender os significados dos usos e funções da música proporciona uma nova visão sobre o papel da música na sociedade e a forma como ela é interpretada. O autor apresenta como “usos da música” as formas e situações em que a música é empregada na ação humana, ou seja, como a prática musical, seja ela um hábito do cotidiano ou relacionada com outras atividades, está sendo utilizada num determinado contexto. Em seguida, ele discorre a respeito das “Funções da música”, no que tange aos motivos pelo qual a música foi empregada e para qual propósito ela está servindo em seu sentido mais amplo (MERRIAM, 1964, p. 210). É válido ressaltar, que Merriam também aponta que a forma como a música é usada pode definir também a sua função, mesmo que ela não tenha sido desenvolvida para aquela função.

Claros-MG na primeira metade do século XX. O recorte temporal selecionado está relacionado a um momento histórico bastante representativo no desenvolvimento da cidade, no qual alguns acontecimentos representaram a busca pela modernidade em um município que adquiriu o status de polo regional. Estes importantes acontecimentos remetem ao desenvolvimento na infraestrutura, no comércio, na comunicação e também nos meios de transporte. São marcos significativos deste período a chegada da luz elétrica, da ferrovia e a influência da primeira rádio instalada na cidade, a ZYD-7, dentre outros.

Este estudo se insere no campo da Música, tendo como foco a perspectiva histórica. Para a compreensão do fenômeno pesquisado, utilizamos as lentes interpretativas da Etnomusicologia, especialmente da Etnomusicologia Histórica², e de áreas como a Sociologia e a História.

A metodologia contemplou uma abordagem qualitativa de caráter descritivo exploratório, utilizando como estratégias de coleta de dados a pesquisa bibliográfica em textos publicados em anais de eventos científicos, em revistas científicas, em teses e dissertações, em livros e textos de memorialistas. Além disso, contemplou também a pesquisa documental realizada em fotografias encontradas em sites e em mídias sociais, assim como no acervo de jornais e de fotografias do Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), setor vinculado à Diretoria de Documentação e Informações (DDI) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). A organização e análise de dados dos materiais coletados durante a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental foi realizada de acordo com a sua natureza e as suas especificidades.

2 MONTES CLAROS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Na região do norte de Minas Gerais, a busca pelo progresso foi algo latente pelo menos desde o século XVIII. Na mudança do século XIX para o século XX isso se intensificou e, Montes Claros, assim como outras cidades brasileiras, viveu uma considerável transformação econômica, política e social. Mesmo com a distância

² Diante da perspectiva histórica, a Etnomusicologia tem apresentado uma linha de estudos intitulada Etnomusicologia Histórica. As produções sobre o assunto são em sua maioria em inglês, realizadas, principalmente, nos Estados Unidos (EUA). O livro *Theory and Method in Historical Ethnomusicology*, de Howard Keith et al (2014), por exemplo, tornou-se uma referência por discutir sobre a Etnomusicologia Histórica trazendo um compilado de informações a respeito de suas filosofias, métodos e fundamentos, além de produções como o de Wiora (1965) e Shelemay (1980).

geográfica dos grandes centros, nas primeiras décadas do século XX fica evidente a presença de discursos de modernidade nessa cidade, os quais ecoaram em diversos setores da sociedade, nas formas de viver e incidiram em transformações locais (SILVA, 2012).

As consequências da modernidade e sua influência na vida cotidiana das pessoas foi discutida por Giddens (2002, p. 17) e, no intuito de atribuir um significado para este termo, ele a caracteriza como “instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto”. Singer (2010, p. 115), ao definir o conceito socioeconômico de modernidade afirma que incide em uma “grande quantidade de transformações tecnológicas e sociais que ganham força perto do fim do século XIX”, citando como exemplo como “a industrialização, a urbanização, o crescimento populacional, a proliferação de novas tecnologias e de meios de transporte, a saturação do capitalismo, a explosão de uma cultura de consumo de massa” (SINGER, 2010, p. 115).

Na primeira metade do século XX algumas dessas características estão presentes em Montes Claros e refletem o desenvolvimento urbano da cidade, da infraestrutura e da economia, dos meios de comunicação e da produção artística e cultural. Sendo assim, este período foi marcado pela inauguração de escolas, de cinemas, de agências bancárias e de jornais; assim como a chegada dos primeiros automóveis, da energia elétrica, do telefone e telégrafo, de jornais e revistas, da Estação Ferroviária Central do Brasil em 1926 e da Rádio ZYD7, em 1944 (ALVES; SOUZA NETO; SILVA, 2019; GONÇALVES NETO; CARVALHO, 2018; SILVA, 2012; LESSA, 1993; CARVALHO, 2010; VIANNA, 2007; PAULA, 2007; GRAÇA, 1986).

A chegada da energia elétrica em 1917 foi realizada de forma ainda precária, pois nem toda a população tinha acesso, todavia, esse fato evidencia a pressa pela modernidade, pela conquista de padrões já alcançados pelas regiões mais desenvolvidas, como Belo Horizonte e Rio de Janeiro (SILVA, 2012). É válido ressaltar que neste mesmo ano, a implantação da energia elétrica possibilitou a inauguração do cinema na cidade, conforme aponta Carvalho (2010, p. 31-52).

Segundo Silva (2012) e Carvalho (2010), o cinema foi um dos marcos que representou a modernidade na cidade, por um lado, proporcionou diversão e lazer para seus moradores através da inserção de novos aparelhos, e por outro lado, ainda permanecia com a prática educativa, em busca de tornar o povo mais “civilizado” e mais acostumado com “coisas finas”. Responsável por influenciar nas transformações de cunho

social, linguagem, moda, gêneros musicais [...], o cinema também era responsável por evidenciar a desigualdade social devido aos altos preços dos ingressos, o que permitia o acesso a esse tipo de diversão, apenas para uma parte da população, além de reforçar a ideia de uma sociedade atrasada. (SILVA, 2012, p. 149).

Um outro marco significativo foi a inauguração da Estação Ferroviária Central do Brasil no dia primeiro de setembro de 1926. Conforme Lessa (1993) as pessoas “colocavam o trem como mensageiro do progresso.” Esse marco facilitou o acesso da população à informação, o impulsionamento no comércio de gado e a compreensão de espaço geográfico sob uma nova perspectiva, agora com um deslocamento mais rápido e menos restrito (ALVES; SOUZA NETO; SILVA, 2019). Para alguns autores, tais como Diniz e Lessa (2011), a ferrovia seria a responsável por trazer modernidade e progresso para Montes Claros.

esta imagem se estabeleceu tanto pela presença do maquinismo ferroviário, representante do avanço tecnológico da sociedade capitalista, pois carrega suas marcas: velocidade, produto industrial, controle do espaço e do tempo. Por outro lado, é um instrumento de propagação dos padrões capitalistas por todo o mundo pela ligação dos centros urbanos, palco do desempenho capitalista, e da idéia de melhoramento pela integração com os maiores centros urbanos (DINIZ; LESSA, 2011, p. 2).

De acordo com Silva (2012, p. 197), durante a primeira metade do século XX, a imprensa teve um papel muito importante na sociedade, pois “foi um veículo propagador de percepções e valores”. Era através da imprensa que os moradores tinham acesso ao que estava acontecendo nas questões políticas, econômicas, educacionais, sanitárias e culturais de Montes Claros. A primeira rádio comercial foi instalada em Montes Claros no ano de 1944, a Rádio ZYD-7/ Rádio Sociedade do norte de Minas Gerais (GOMES, 2005). Com sua inauguração, a circulação de informações se expandia de forma relevante, dado o fato de que as pessoas não mais dependiam de meios de transporte para conseguir acesso a elas. Segundo Gomes (2009), nas transmissões de rádio era possível acompanhar as telenovelas, os programas de auditório musicais e humorísticos, as músicas que estavam fazendo sucesso, principalmente no Rio de Janeiro.

A rádio ZYD-7 estava constantemente presente na vida cotidiana do montesclarenses, diminuindo o espaço físico entre as capitais e a cidade do interior. Servia como “intermediadora da indústria cultural [...] promovendo os produtos comercializados na região” (GOMES, 2009, p. 6-8), interferia na construção das preferências musicais e

estabelecia certa influência na formação da opinião pública, por meio das transformações dos costumes e valores da época diante das informações transmitidas pela rádio (GOMES, 2009).

Sob o ponto de vista político, a primeira metade do século XX em Montes Claros foi marcada por disputas político-familiares das elites latifundiárias seguida de uma cultura baseada na prática sociopolítica, usualmente conhecida como Coronelismo. Portanto, desassociar terra e poder, era uma tarefa difícil, já que essa prática era constante desde o fim do Império no Brasil (PEREIRA, 2007; FIGUEIREDO, 2011).

Essas tensões são percebidas em um contexto geral no Brasil, o qual foi marcado por um cenário de conflitos, revoltas e conspirações durante as três primeiras décadas do século XX, acompanhado da ascensão do militarismo e da corrente positivista, além de se tornar um país laico, não adotando uma religião oficial (FIGUEIREDO, 2011).

A economia do município de Montes Claros até os anos finais da década de 1920, era baseada em três setores: agropecuário (grãos e gado), industrial (tecidos e charutos) e comercial (produtos importados ou nacionais) (SILVA, 2012, p. 94), principalmente, por ter sido desenvolvida a partir de uma fazenda de gado, que “serviu de passagem para os tropeiros, ampliando seu comércio e sua importância no âmbito regional” num momento em que a pecuária se expandia na região norte de Minas Gerais (PEREIRA; ALMEIDA, 2004, p. 79 apud REIS, 2012, p. 103).

Conforme Pereira (2007, p. 103), a partir de 1926, a chegada da estação ferroviária em Montes Claros colaborou também na consolidação do município como o principal da região, por estreitar relações comerciais, principalmente com as cidades de Belo Horizonte e Rio de Janeiro no que diz respeito ao comércio de gado, além de contribuir no escoamento de produção e impulsionar o comércio atacadista, centralizando o poder econômico e político na região, já que no Brasil, era a partir da década de 1930 que o investimento no comércio interno começava a ter maior destaque.

3 MODERNIDADE E PRÁTICAS MUSICAIS COM A FUNÇÃO DE ENTRETENIMENTO

A busca pela modernização influencia os modos de ser e de viver do indivíduo, modificando as suas relações com o espaço em que habita e proporcionando novas experiências. Nesse sentido, as práticas musicais com a função de entretenimento que foram identificadas na primeira metade do século XX em Montes Claros refletem as

transformações que ocorreram na cidade como resultado do processo de modernização. Tais práticas puderam ser identificadas nos jornais da época, nos textos de memorialistas, nas fotografias e nas narrativas orais obtidas através das entrevistas e algumas delas se inserem dentro de espaços e contextos específicos, tais como o cinema, o circo, os clubes, os cassinos, dentro de residências e na rádio.

3.1 MÚSICA NO CINEMA E NO TEATRO

Dentre estes espaços destaca-se o cinema, o qual representa de forma bastante significativa o desejo de modernização. Em Montes Claros, a utilização de instrumentos óticos e sonoros começou nas primeiras décadas do século XX, tendo como um dos seus marcos o aparelho Cosmorama (SILVA, 2012; CARVALHO, 2010). Isso pode ser observado diante das informações coletadas na dissertação de Carvalho (2010), em que ressalta que no corpo da Lei n. 99 do ano de 1900 no Livro de Leis do município de Montes Claros mencionava o imposto que deveria ser pago para adquirir a licença e apresentar espetáculos, teatros e cosmoramas.

Os relatos do memorialista Paula (2007, p. 216) também mencionam a presença do cosmorama ambulante no município. Segundo o autor, na data de 1908, o fonógrafo e o cinematógrafo acrescentam à lista de divertimentos sonoros na cidade e logo em seguida o gramofone. Paula (2007, p. 291) afirma ainda que os primeiros gramofones foram vendidos em Montes Claros em 1912 pela Firma Rabelo & Paula (Joaquim Rabelo Júnior e Basílio de Paula). De acordo com Carvalho (2010), a presença do gramofone foi mais significativa do que o fonógrafo para o povo montesclarenses, por proporcionar uma diversão mais privada, podendo ter o aparelho sonoro em sua própria residência, sendo utilizado em festas e serões, enquanto o fonógrafo era mais utilizado no espaço público da cidade. No Jornal Gazeta do Norte, do ano de 1920, foi encontrada uma propaganda de venda de discos novos para Gramophone, vendidos pela Casa Cocó (JORNAL GAZETA DO NORTE, 1920a). O acesso tanto a este aparelho quanto aos discos, sem dúvidas, era um privilégio das elites locais.

O cinematógrafo chega à cidade por volta de 1905 e permanece até 1909. Após dez anos, o primeiro cinema é inaugurado em Montes Claros em 1917, o chamado Ideal Cinema, mesma época em que foi inaugurada a energia elétrica. É importante ressaltar que a energia elétrica nesse período não era de boa qualidade e atendia apenas parte da

população da cidade (CARVALHO, 2010, p. 77). Anjos (1979, p. 53) apud Carvalho (2010, p. 82) afirma que neste cinema ou em um período anterior a ele, o seu irmão tocava flauta em uma orquestra, evidenciando, dessa maneira, a presença de uma prática musical.

No início da década de 1920 ocorreu a instalação da primeira sala fixa, o Cine-Theatro Renascença, posteriormente chamado de Cine-Theatro Montes Claros. Uma nota do Jornal Gazeta do Norte, publicada em 1923, revela a presença de música neste cinema e um fato curioso chamou a atenção. Neste jornal havia sido publicado um texto, intitulado “Espinhos de Pequy”, no qual o seu autor critica a orquestra formada por mulheres que havia se apresentado em uma das sessões. O dono do cinema publicou uma nota em resposta a este artigo, acusando-o de irrelevante e grosseiro e afirmando que as senhoras aceitaram o convite para tocar em substituição aos músicos que não queriam mais tocar no cinema, em contestação ao valor pago. Ele ressalta que sem a participação das senhoras neste dia, não teria ocorrido a sessão do filme (JORNAL GAZETA DO NORTE, 1923).

Essa constatação de mulheres tocando em espaço público é um dado importante que gera reflexões sobre a participação mais ativa das mulheres na vida pública. A presença da educadora, compositora e pianista Dulce Sarmiento (Figura 1), por exemplo, é um fato notório não apenas nas apresentações musicais nos cinemas, como também em outros espaços da cidade. Como será exposto adiante, a presença de Dulce pôde ser constatada em diversas sessões, principalmente no Cine-Theatro Montes Claros.

Neste ano de 1926, no qual é inaugurada a Estação Ferroviária do Brasil em Montes Claros, também ocorreu a inauguração do Cine-Theatro Montes Claros. A chegada da ferrovia proporcionou uma “reformatação na dinâmica social montesclareense” através da influência no comércio cinematográfico, facilitando os meios de transporte no que diz respeito a comprar e alugar os filmes de maneira rápida e atualizada, influenciando também na área econômica com a circulação de um catálogo de filmes maior e venda de ingressos (ALVES; SOUZA NETO; SILVA, 2019).

Figura 1 - Dulce Sarmiento, 1944



Fonte: Diretoria de documentação de informação, ([s. d.]).

Diante desse cenário, é necessário ressaltar que o cinema evidenciava certos conflitos e dificuldades. As questões de desigualdade social eram reafirmadas à medida que os jornais divulgavam que esse era um divertimento para a “elite”, para “alta sociedade montesclareense”, os que tinham condições de pagar pelos “altos preços dos ingressos” (SILVA, 2012, p. 149; ALVES; SOUZA NETO; SILVA, 2019). Carvalho (2010, p. 101) aponta também as fontes perturbadoras visuais e sonoras que ocorriam durante as sessões, como crianças gritando, homens fumando e usando chapéus, o ruído do próprio projetor, dentre outros. Através das informações coletadas foi possível encontrar, especialmente nos textos dos memorialistas, práticas musicais nos espaços cinematográficos, de modo que as pessoas tocavam seus instrumentos musicais realizando um certo tipo de trilha-sonora em meio a exibição do cinema, que na época era mudo.

A cronista Ruth Tupinambá Graça relata sobre a música que era produzida no cinema, destacando as pessoas que faziam parte deste movimento:

Dulce e Adail Sarmiento, Tônico de Naná, Artur dos Anjos, bem humorados, esmeravam-se nas melodiosas valsas. [...] finalmente, a

campainha tocava mais forte, a luz se apagava e todos se voltavam atentos para a tela. O piano de Dulce e as clarinetas de Adail, Tonico e Arthur dos Anjos faziam um esforço tremendo, procurando suplantar o barulho do motor. O filme era mudo, mas a orquestra fazia o complemento, tocando as músicas alegres ou tristes de acordo com os acontecimentos da tela (GRAÇA, 1970, não paginado).

O cronista Paula (2008) também ressalta sobre a música no cinema, afirmando que ao ouvir o piano de Dulce Sarmento conseguia memorizar as melodias com facilidade e na casa dos tios aprendia as letras. Ele relembra de duas músicas, os tangos Nunca Mais e Nelly, colocando-as como “melodias que se harmonizavam com minha saudade.” Em outro relato, Paula (2008) reforça as questões de modernidade na cidade de Montes Claros apontando alguns dos marcos históricos na cidade e algumas práticas musicais:

O que me ajudou a suportar a saudade de minha gente e de minha terra foi a escola. E as novidades - luz elétrica, calçamento das ruas, mercado, cinema - e a música nova e variada que encontrei aqui. Os hinos e cânticos do Grupo Escolar e as canções que meus primos e primas e seus amigos e amigas cantavam: modinhas, canções carnavalescas e outras, deixadas por circos e companhias teatrais que por aqui passavam e cantigas do rico folclore regional, inclusive das festas de agosto (PAULA, 2008, não paginado).

No Cine-Theatro Montes Claros, a “turma de Dulce”, formada por diversos músicos da cidade, realizava várias apresentações artísticas. Essa informação é confirmada no texto da memorialista Oliveira (2008) que faz um relato sobre o cinema em 1926 dizendo que “o cinema era mudo e havia pessoas que tocavam os instrumentos: o piano era com Dulce Sarmento, o violão com Asclepiades Pinto, o bandolim tocado por Ducho”. Ela completa argumentando que “Nas cenas de tiroteio, lembro-me que tocavam depressa e nas cenas românticas, lentamente” (OLIVEIRA, 2008, não paginado).

Além do cinema, o teatro também configurou-se como outra prática com função de entretenimento. Os estudos de Silva (2012) abordam a criação do Grupo de Teatro São Genesco, pelos religiosos da Ordem dos premonstratenses, nos primeiros anos do século XX. É válido destacar como a presença do teatro na cidade foi um indicativo de progresso, refletindo os valores de uma elite que buscava novas formas de ser e de estar no mundo. Tal percepção pode ser comprovada em um texto do Jornal A Verdade (1907a), o qual menciona que o teatro está relacionado à vida intelectual e à civilização.

O registro de atividades musicais no âmbito do Grupo de Teatro São Genesco está presente no Jornal A Verdade ao longo de todo o ano de 1907. Em outubro deste ano, por exemplo, o jornal constata a Fundação da Orquestra Carlos Gomes, sob a direção do Conego Paulo Lenaerts e regida pelo músico Armenio Veloso (JORNAL A VERDADE, 1907b). Também há o registro do ator Milton Prates cantando a cançoneta “Pelo Portão” (JORNAL A VERDADE, 1907c). O memorialista

Paula (2007, p. 223) cita a música presente neste teatro, mencionando que os músicos, chefiados por Tônico Teixeira, tocavam durante a festa e quase nada recebiam, pois o teatro de Seu Amorim sempre dava prejuízos.

Um outro grupo, denominado Grêmio Dramático Musical Montesclarenses também pôde ser identificado na pesquisa. O Jornal Gazeta do Norte (1919a) relata o repertório musical executado, a Opereta Mimi, as cançonetas Missa Campal e a Fandaguassu. Além disso, as apresentações contavam com tangos, valsas e operetas (JORNAL GAZETA DO NORTE, 1919b). Um dos jornais constata a apresentação musical de Chiquinha Chaves, durante uma peça do Grêmio, que cantou “Lágrimas e Risos”. Neste mesmo evento Ary e Iracy de Oliveira cantaram o dueto caipira, gênero dos Garridos- “Chora, Chora, Choradô” (JORNAL GAZETA DO NORTE, 1919c). Os registros sobre o Grêmio Dramático também envolvem canções, duetos, cateretê paulista e Fandanguassu, cantado e dançado por Luiz Amorim (JORNAL GAZETA DO NORTE, 1920b).

3.2 ENTRE VALSAS E MODINHAS: A MÚSICA NO CIRCO

Ao final do século XIX, Montes Claros já começava a apresentar sinais de modernidade e a demonstrar uma ascensão em relação às demais cidades norte-mineiras, pois começava a ocupar um importante papel no cenário econômico regional. Essa ascensão gerou um aumento na circulação de pessoas, mercadorias e informações nesse período, o que atraiu também as companhias circenses (CARVALHO, 2010, p. 60).

Segundo o pesquisador Carvalho (2010), a partir da década de 1880, as companhias mambembes e companhias de circos se apresentavam na cidade, porém essas apresentações eram tidas como “espetáculos ambulantes” e ocorriam de maneira eventual, poucas vezes durante o ano. Ainda segundo o autor, o ano de 1884 lhe parece o período em que mais ocorreram estes espetáculos, proporcionando o divertimento à cidade através de suas programações, que incluíam trabalhos ginásticos, saltos mortais,

palhaços, duetos, mímicas e trabalhos com adestramento de cavalos (CARVALHO, 2010). A partir da constatação que haviam duetos fica evidente a presença de música nas manifestações ligadas ao circo, pelo menos desde o final do século XIX.

O primeiro espetáculo de circo em Montes Claros ocorreu no mês de abril de 1884, onde hoje é localizada a Praça Dr. Carlos (CARVALHO, 2010, p. 62). O Jornal Correio do Norte evidenciou que o público da cidade elogiava as performances que ocorriam nos espetáculos, como pode ser visto através da seguinte nota publicada:

O Sr Ferreira, na barra fixa, nos saltos mortais, e de gygantes, arrancou muitos applausos aos espectadores. O Sr Paim é inexcédível no papel de palhaço; e os trabalhos do trapezio que executou, como as scenas de descolcamento, o recomendão como um bom artista. Os sons da sua harmonica foram arrebatadores. (CORREIO DO NORTE, 1884, p. 4 apud CARVALHO, 2010, p. 62).

Diante dessa nota é possível afirmar que no final do século XIX existiam práticas musicais dentro dos espetáculos circenses e teatrais, porém os gêneros musicais que perpassavam essas práticas não são evidenciados de forma clara e detalhista durante esse período.

É interessante ainda frisar que em Montes Claros os espetáculos mambembes ocorriam, muitas vezes, dentro dos circos provisórios que eram montados em locais públicos e que não havia rivalidades e competições entre estas e outras manifestações sociais, “como as festas, procissões, ou grupos carnavalescos; ocupavam o espaço fazendo uso da técnica, do equilíbrio, e do encantamento das suas apresentações”, conforme Carvalho (2010, p. 62).

No início do século XX, o memorialista Vianna (2007, p. 107-108) relata sobre a inauguração do Circo de Cavalinhos do Leopoldino, que ocorreu em 1908 e menciona que Leopoldino era o proprietário do circo e desempenhava também o papel de palhaço, ressaltando que o mesmo era um homem de boa voz que tocava o seu violão com maestria e apresentava modinhas e serenatas no Circo, que eram decoradas e reproduzidas nos saraus familiares da época. Já a memorialista Graça (2007) relembra que as estreias dos circos eram feitas com “melodiosas valsas” e sua chegada movimentava a cidade. Neste relato, ela apresenta os nomes de algumas canções que eram executadas:

Com um enorme chapéu de sol de lona colorida, aberto, o circo tomava conta de quase toda a Praça Doutor Chaves. Muita gente se movimentando para lá e para cá, apressada, enquanto um alto-falante insistente, gritando, enchia a praça com os sons de uma "Tarde de Lindóia", "Branca", "Saudades de Ouro Preto", e músicas características de pré-estréia de circos [...] (GRAÇA, 2007, não paginado).

Quanto aos gêneros e estilos executados nestes espaços, assim como a formação musical dos grupos e os instrumentos musicais utilizados ainda existem lacunas para serem preenchidas. No entanto, a partir destes relatos fica evidente que alguns dos instrumentos utilizados eram a harmônica e o violão e dentre as músicas tocadas haviam valsas e modinhas.

3.3 A MÚSICA NO CASSINO E NOS CLUBES

A inauguração de novos espaços de socialização, voltados para o entretenimento e o lazer, também refletem as influências dos ideais de modernidade e de progresso em Montes Claros durante a primeira metade do século XX. Dentre estes espaços destacam-se o cassino e os clubes, locais em que a presença da música era algo imprescindível. Conforme o memorialista Paula (2007, p. 231) “em 1911 foi fundado o primeiro clube social que se chamava ‘Clube Sete de Setembro’ que deixou de existir em 1916 e os eventos que aconteciam lá passaram a acontecer em casas de família ou em salões de edifícios públicos”. Ele acrescenta que em 1934 foi inaugurado com um baile de Carnaval o Centro Social de Montes Claros (PAULA, 2007).

Paula (2007, p. 607) também cita o Clube Montes Claros (Figura 2) ao destacar a festa juninas de Santo Antônio, São João e São Pedro e afirma que neste clube “os bailes a caipira são bastante animados. Duas antigas ainda fazem parte do repertório: A caninha verde e a Quadrilha. A caninha verde é a dança coletiva. Vários pares formam uma grande roda e vão dançando e cantando o estribilho”.

Figura 2 – Inauguração do Clube Montes Claros, 1934.



Fonte: Revista IHGMC (2017).

No ano de 1944 é inaugurado o Clube Minas Gerais na cidade que de início, conforme matéria publicada na Revista Nossa História (1999, p. 20) tinha como objetivo propiciar shows com artistas locais, nacionais e até internacionais, mas conforme a matéria, o real sentido era funcionar como “um cassino de classe internacional, mas também um ‘dancing’ onde se apresentasse muitas mulheres bonitas”. Essa conotação machista dada a presença das mulheres como “objeto” neste espaço revela que os principais frequentadores do cassino eram os homens. O Jornal revela que os coronéis, fazendeiros, e comerciantes de Montes Claros não queriam que as suas esposas frequentassem o local (REVISTA NOSSA HISTÓRIA, 1999, p. 20). Essas informações denotam como os espaços de convivência delinearão os papéis sociais. Neste período, a permanência das “esposas” na esfera privada revela a tutela que o homem tinha sobre a mulher e como este tipo de comportamento estava relacionado à ordem econômica e ao controle político e social do gênero masculino, condição que se manteve e ainda se perpetua no sistema patriarcal.

Segundo a Revista Nossa História (1999), os proprietários do Clube Minas Gerais se inspiravam no Cassino Urca, o qual era muito famoso no Rio de Janeiro e destinado para a alta sociedade. O show de inauguração do Clube Minas Gerais ou Clube Montes

Claros, como popularmente era conhecido, contou com a presença de artistas de cunho local, nacional e internacional. Dentre eles(as) estavam a famosa orquestra de Moraes da cidade de Belo Horizonte, onde apresentaram “um variado repertório de sambas, swings, boleros, blues, etc.” (REVISTA NOSSA HISTÓRIA, 1999, p. 20). Além disso, apresentam-se também a cantora hispano-americana Maria Turban, cantando boleros e rumbas; a cantora de samba Clarita de Oliveira o trio local de Montes Claros denominado Trio Montanhês, formado por Fialho-Antônio, Adalberto e Eunice que apresentaram boleros, guarânias e samba em seu repertório; o conjunto regional de Godofredo Guedes, composto por oito integrantes e direcionado por Godofredo Guedes e Oswaldo Lins (REVISTA NOSSA HISTÓRIA, 1999, p. 20). Foram mencionadas outras práticas artísticas na inauguração do Clube, como shows de mágica e danças.

As informações acerca da inauguração do cassino revelam a presença da música e, mais especificamente de gêneros musicais de expressiva circulação nos grandes centros do país. Essa característica revela uma espécie de negociação da alta sociedade de Montes Claros para a sua permanência nos padrões considerados modernos nessas primeiras décadas do século XX.

Dentre as apresentações citadas durante a inauguração do Cassino, ressaltamos a participação do conjunto regional de Godofredo Guedes, o qual merece destaque na pela produção artística e musical. Nascido em 1908 no interior do estado da Bahia, Godofredo se instalou em Montes Claros em 1935 e ficou conhecido pelas suas composições, pinturas e instrumentos musicais. A partir dos relatos dos cronista Santos (2008) dentre as composições do músico, estavam marchinhas, valsas, sambas, serestas e muitos chorinhos, deixando mais de 160 partituras para o público. Godofredo Guedes era considerado um multi-instrumentista, onde tocava instrumentos como violão, piano, saxofone e clarinete, performando, principalmente, nos clubes, cassinos e bordeis de Montes Claros (SANTOS, 2008).

3.4 MÚSICA NA RÁDIO

Na cidade de Montes Claros, a primeira emissora de rádio foi inaugurada em 1944 sob coordenação de Jair de Oliveira, Geraldo Prates e Monteiro Fonseca e intitulada de “Rádio Sociedade”, popularmente conhecida como “Rádio ZYD-7” (LEITE; CARMO, 2011).

De acordo com Gomes (2009), a rádio era um meio de comunicação que influenciava no estilo de vida da população, pois divulgava os principais produtos comercializados na região e intermediava informações da indústria fonográfica e cultural de outras regiões, promovendo programações similares às de outras rádios do país, além de promover momentos de entretenimento e lazer. Dessa forma, a rádio também era considerada um marco da modernidade na cidade, posto que o surgimento da emissora possibilitou a minimização da solidão, trouxe informações, servindo como meio socializador entre os ouvintes sem restrição de classes, não esquecendo de sua capacidade de levar os ouvintes para o mundo do consumo, difundir visões de mundo, apoiar certas ideias (GOMES, 2009, p. 6).

Dentre a função de entretenimento, a Rádio Sociedade ou ZYD-7 ficou conhecida pelos seus programas de auditório, que por sua vez, abriram espaço para o surgimento e reconhecimento de artistas locais. A partir da entrevista concedida por Gelson Dias e registrada no trabalho de Carmo e Leite (2011) é possível identificar algumas práticas musicais que ocorriam na rádio. O radialista menciona que as vozes de Nivaldo Maciel, João Leopoldo e Anésia Santos possuíam grande expressão vocal e havia a presença de instrumentistas como Lurdes Almeida, Piroleta Júnior e Osvaldo Loureiro.

Ainda segundo o radialista, o repertório executado durante os programas perpassava pelas músicas românticas, interpretadas por artistas como Nelson Gonçalves, Orlando Silva e Francisco Alves, que faziam sucesso na Rádio Nacional do Rio de Janeiro; a música sertaneja ou “caipira”, a lembrar da dupla caipira Chico Pitomba e Mané Juca (Figura 3), formada por Cândido Canela e Antônio Rodrigues, que faziam sucesso na região, além das canções, do baião, boleros e samba-canção. Dias conclui sua fala lembrando também da influência da música francesa na rádio (LEITE; CARMO, 2011).

Figura 3 – Dupla Caipira Chico Pitomba e Mané Juca na Rádio ZYD-7, década de 1940.



Fonte: GOMES (2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou a influência da modernidade nas práticas musicais que compuseram o cenário musical de Montes Claros-MG na primeira metade do século XX. A partir dos dados coletados por meio da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental, constatamos uma diversidade de práticas que compõem a paisagem musical neste período, especialmente em espaços e contextos como o teatro, o cinema, o circo, nos cassinos e clubes.

Ficou evidente que o final do século XIX e início do século XX foi marcado pela busca do progresso, alinhando-se à fundamentos civilizatórios que justificassem a produção e a circulação de manifestações musicais com a função de entretenimento. Embora estivesse distante geograficamente dos grandes centros urbanos, Montes Claros consolidou-se como um polo regional e refletiu o processo da modernidade através do desenvolvimento do comércio, das comunicações, dos transportes e da vida cultural no município.

Compreendo a partir de Mignolo (2017) que o *lado* escuro da *modernidade* é a colonialidade, também pudemos constatar que a paisagem musical do município de Montes Claros-MG na primeira metade do século XX reflete um cenário de um território

latino-americano, subjugado à racionalidade epistêmica eurocêntrica. Neste cenário, a hegemonia da lógica colonial europeia é destacada em espaços, práticas e repertórios musicais distintos. Este foco, em específico, merece atenção especial nessa investigação e, por isso, deverá ser tratado de forma mais aprofundada em trabalhos futuros.

Vale ressaltar a importância deste estudo para a valorização da memória musical e histórica, a partir do reconhecimento de indivíduos e/ou grupos musicais atuantes em Montes Claros na primeira metade do século XX. Sem dúvidas, as informações encontradas se constituem como um acervo significativo que poderá ser preservado e difundido.

Enfim, a paisagem musical encontrada revelou um cenário diversificado e complexo, evidenciando que, sem a pretensão de se esgotar o tema, apresenta perspectivas para trabalhos futuros, podendo limitar e aprofundar os estudos sobre o papel das mulheres na música nesse período, a influência da colonialidade na produção musical, os espaços de formação em música, os instrumentos musicais, os repertórios que eram mais utilizados na época, quem eram os sujeitos envolvidos, dentre outros.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rogério Othon Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SILVA, Luciano Pereira da. O Trem-de-Ferro e o cinema em Montes Claros-MG: a projeção de um divertimento pelos trilhos do Sertão Mineiro. **Record**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 1-23, 2019.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/30996>. Acesso em: 30 dez. 2022.

CARVALHO, Jailson Dias. **Lazer, cinema e modernidade: um estudo sobre a exibição cinematográfica em Montes Claros (MG) - 1900-1940**. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16388>. Acesso em: 30 dez. 2022.

CARVALHO, Martha de Ulhôa. **Música popular in Montes Claros, Minas Gerais, Brasil: a study of Middle-Class popular music aesthetics in the 1980s**. 1991. Tese (Doutorado em Musicologia) – Faculdade da Escola de Graduação, Universidade Cornell, Cornell (EUA), 1991.

DINIZ, Ivaldo Frois; LESSA, Simone Narciso. Ferrovia, urbano e cidade no Norte de Minas: as contribuições da ferrovia na expansão urbana entre 1908 e 1950. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-9.

DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES (DDI). Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR). Unimontes, Montes Claros, [s. d.]. **Diretoria de**

Documentação e Informações. Disponível em: <http://www.ddi.unimontes.br>. Acesso em: 30 dez. 2022.

FIGUEIREDO, Marcelo. Transição do Brasil Império à República Velha. **Araucária:** Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades, v. 13, n. 26, p. 119-145, 2011.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GONÇALVES NETO, Wenceslau; CARVALHO, Carlos Henrique. Cultura escolar e disciplina na formação de professores: a escola normal de Montes Claros (1888-1903). **Revista Educação Pública**, v. 27, n. 65/1, p. 507-528, 2018.

GOMES, Elza Clementina Lopes. A força da ZYD-7 – Mídia de Comunicação em Montes Claros 1944 a 1964. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-11.

GOMES, Elza Clementina Lopes. Rádio Sociedade ZY-D7 Montes Claros: dimensões do populismo e participação popular na década de 1940/1960 Montes Claros-MG. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANPUH, 2005. p. 1-8.

GOMES, Maria das Dores Guimarães. **Álbum Moc Antiga VII** n. 02038. Facebook: Maria das Dores Guimarães – Dorzinha, 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=239139896250783&set=a.232513416913431>. Acesso em: 30 dez. 2022.

GRAÇA, Ruth Tupinambá. Antigo Cine Montes Claros. **MontesClaros.com**, Montes Claros, 1970. Seção Mural. Disponível em: <https://montesclaros.com/mural/default.asp?top=19659>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GRAÇA, Ruth Tupinambá. O Circo de Meloso. **MontesClaros.com**, Montes Claros, 2007. Seção Mural. Disponível: <https://montesclaros.com/mural/default.asp?top=20057>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GRAÇA, Ruth Tupinambá. Prefácio. **MontesClaros.com**, Montes Claros, 1986. Disponível em: <https://montesclaros.com/era/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

HOWARD, Keith *et al.* **Theory and method in historical ethnomusicology.** Lexington Books, 2014.

JORNAL A VERDADE. [Montes Claros], 14 nov. 1907a. Unimontes. Diretoria de Documentações e Informações (DDI); Acervo Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), 1907a.

JORNAL A VERDADE. [Montes Claros], 19 out. 1907b. Unimontes. Diretoria de Documentações e Informações (DDI); Acervo Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), 1907b.

JORNAL A VERDADE. [Montes Claros], 26 out. 1907c. Unimontes. Diretoria de Documentações e Informações (DDI); Acervo Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), 1907c.

JORNAL GAZETA DO NORTE. [Montes Claros], 07 fev. 1920a. Unimontes. Diretoria de Documentações e Informações (DDI); Acervo Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), 1920a.

JORNAL GAZETA DO NORTE. [Montes Claros], 15 nov. 1919b. Unimontes. Diretoria de Documentações e Informações (DDI); Acervo Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), 1919b.

JORNAL GAZETA DO NORTE. [Montes Claros], 18 out. 1919a. Unimontes. Diretoria de Documentações e Informações (DDI); Acervo Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), 1919a.

JORNAL GAZETA DO NORTE. [Montes Claros], 24 fev. 1923. Unimontes. Diretoria de Documentações e Informações (DDI); Acervo Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), 1923.

JORNAL GAZETA DO NORTE. [Montes Claros], 26 jun. 1920b. Unimontes. Diretoria de Documentações e Informações (DDI); Acervo Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), 1920b.

JORNAL GAZETA DO NORTE. [Montes Claros], 29 nov. 1919c. Unimontes. Diretoria de Documentações e Informações (DDI); Acervo Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), 1919c.

LEITE, Marta Verônica Vasconcellos; CARMO, Raiana Alves Maciel Leal do. **Nivaldo Maciel, sertão e cidade:** encontros de vida e arte. Ed: Unimontes, Montes Claros, 2011.

LESSA, Simone Narciso. **Trem-de-Ferro:** do cosmopolitismo ao sertão. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

MERRIAM, Alan P. **The anthropology of music.** Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online], v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

OLIVEIRA, Palmyra Santos. Algumas lembranças da minha Montes Claros. **Revista IHGMC**, v. 3, 2008. Disponível em: https://www.ihgmc.art.br/revista_volume3.htm. Acesso em: 10 dez. 2022.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros sua história, sua gente, seus costumes.** Montes Claros: Ed. Unimontes, 2007. (Coleção Sesquicentenária, v. 13).

PAULA, Luiz. Por cima dos telhados, por baixo dos arvoredos. **MontesClaros.com**, Montes Claros, 2008. Seção Cronistas. Disponível em: <http://montesclaros.com/mural/cronistas.asp?cronista=Luiz%20de%20Paula>. Acesso em: 24 maio 2021.

PEREIRA, Anete Marília. **Cidade média e região: o significado de Montes Claros no norte de Minas Gerais**. 2007. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

REIS, Filomena Luciene Cordeiro. Entre monumentos e documentos: os lugares de memória em Montes Claros revelados pela imprensa. *In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 18., 2012, Mariana. **Anais [...]**. Mariana: ANPUH, 2012.

REVISTA IHGMC, n. 31, v. 19, 2017. Disponível em: https://www.ihgmc.art.br/revista_volume19.htm. Acesso em 30 dez. 2022

REVISTA NOSSA HISTÓRIA. **Clube Minas Gerais: um cassino para Montes Claros**. Ano I, n. 1, Montes Claros, MG, 1999.

SANTOS, Luiz Ribeiro dos. Godofredo Guedes - um artista simples e completo. **Revista IHGMC**, v. 3, 2008. Disponível em: https://www.ihgmc.art.br/revista_volume3.htm. Acesso em 30 dez. 2022

SHELEMAY, Kay Kaufman. "Historical Ethnomusicology": Reconstructing Falasha Liturgical History. **Ethnomusicology**, v. 24, n. 2, p. 233-258, 1980.

SILVA, Luciano Pereira da. **Em nome da modernidade: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926)**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. *In: CHARNEY, Leo; SCHWARZ, Vanessa R. (org.). O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2010.

VIANNA, Nelson. **Serões Montesclarenses**. Montes Claros: ed. Unimontes, 2007. (Coleção Sesquicentenária, v. 13).

WIORA, Walter. Ethnomusicology and the History of Music. **Studia Musicologica Academiae Scientiarum Hungaricae**, v. 7, n. Fasc. ¼, p. 187-193, 1965. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/901426?seq=1>. Acesso em: 23 maio 2020.